

Confinamento e resistencia

Jorge Pinto

2020

Confinamento e resistència

Confinamento. O ano de 2020 e a crise provocada pola pandemia de Covid-19 obrigou una boa parte da poboación mundial a fechar-se em casa. Os días pareceram meses e as semanas pareceram anos para os que se viram forçados ao encerramento compulsivo. Mas o que diriam aqueles que vivem em confinamento toda a sua vida? Um confinamento diferente, é certo, mas um confinamento na mesma. Este é um desafío que nos poderíamos colocar ao pensar no bairro piscatório de Espinho. Com a geométrica organização que caracteriza a cidade, as paralelas e perpendiculares ruas que fazem o bairro encontram-se cercadas por todos os lados. Como que se de uma aldeia gaulesa cercada pelos romanos se tratasse, o bairro piscatório de Espinho resiste.

Sair. Entre o campo de golfe, a linha de caminhos-de-ferro, o mar e uma abandonada fábrica de conservas, o bairro vive num permanente recordar da sua condição. Longe do luxo, frente a uma indústria que, em lugar de se reinventar, arredou pé, sem comboio para apanhar, sobra o mar. Mas também o mar, elemento constituinte e construtor da alma do bairro, parece ter abandonado aqueles que dele viviam. Um bairro de pescadores que quase não se podem fazer ao mar. Os que o fazem, têm à sua espera apenas a incerteza e a precariedade. Resta sair, em direção ao Porto ou a outros locais onde os grandes barcos se abram para estes filhos de gerações de pescadores.

Ficar. O que espera então os que ficam no bairro? O que espera os que nascem neste bairro confinado? Não apenas confinado fisicamente, mas também ao nível das oportunidades, das possibilidades, das portas que se poderiam abrir mas que, desde cedo, se fecham aos filhos do bairro? Essa é a questão com que as mulheres e homens que ficam se colocam em permanência. Olhá-los nos olhos e vê-los nas suas casas, nos cafés, sentados nas ruas que calcorream milhares de vezes, deitados no areal que tão bem conhecem, desvela um pouco das suas vidas e das suas razões para ficar.

Resistir. Não se pense, no entanto, que esta é uma história de resignação. Pelo contrário, esta é a história daqueles que, nascidos na adversidade, se revoltam e resistem. É a história daqueles que, perante as portas que se fecham, constroem novas vias. Não fossem estas mulheres e homens filhas e filhos, netas e netos de pescadores que, em tempos bem mais adversos, se atreveram a navegar no mar das incógnitas. E, quem sabe, talvez deste confinamento forçado saia uma nova resistència.